



CEIGIS

2010

laulo baptista

CEITIS E A SUA IMPORTÂNCIA NOS SÉCS. XV E XVI - REINADOS DE D. AFONSO V ; D. JOÃO II ; D. MANUEL I ; D. JOÃO III E D. SEBASTIÃO (1438 -1578)

Prefácio

Para o trabalho a que nos submetemos, tivemos o cuidado de reler muita literatura, fruto do que outros com maior ou menor dificuldades transportaram para o papel ao longo das suas vidas com as suas investigações em documentos dispersos por bibliotecas, públicas e privadas, arquivos, nos mosteiros, cartórios, sacristias, catedrais, em Braga, Coimbra, Lisboa, Porto, Alcobaça, Évora, Salzedas, Tarouca, Tomar etc. com uma escrita gótica, uncial, romana, por vezes sumida, corroída, incompleta por destruição do pergaminho ou outro, difícil de decifrar, de se poder entender e copiar; lembrar que o terramoto de 1755, destruiu e incendiou a maior parte dos arquivos e bibliotecas onde os documentos da nossa história eram guardados, registos patrimoniais, desde a 1ª. Dinastia, a própria Casa de Bragança era possuidora de arquivos onde guardava todo o espólio inventariado, do seu património que era enorme, e a documentação do reino estava guardada na Torre de Tombo, que foi bastante atingida pela destruição.

Sofreu a Casa de Bragança a perda de muito destes acervos, dos seus bens acumulados, dispersos por todo o país, e para se refazer deles com os registos desaparecidos que lhe garantiam as terras, as casas e os bens, teve que recorrer à obra de António Caetano de Sousa História Genealógica da Casa Real Portuguesa, impressa em MDCCXXXVIII.

Por estes apontamentos, e, apropriando-me das palavras de Alexandre Herculano no seu prefácio do primeiro Tomo da História de Portugal, “erros havê-los-á, e quem se ocupar da história portuguesa, há de sepultar-se nos arquivos públicos e descobrir entre milhares de pergaminhos, frequentemente difíceis de decifrar, aquele que faz ao seu intento “... onde o autor errou involuntariamente é condenável a obra; onde pretendeu iludir os que o lêem, a condenação deve recair sobre a obra, e conjuntamente sobre o autor”

O valor da moeda, o ceitel, não tinha assim tanta importância para que os cronistas e historiadores dos sécs. XVII ao XIX, se debruçassem a estudá-lo e a colocá-lo em pormenor nas suas obras e quando se falou dele, Gil Vicente no séc. XVI, no Auto da Alma e no Auto da Índia, na Romagem dos Agravados, não deixou de o ridicularizar, referindo-se a si próprio num dos seus autos como :
“hum Gyl.....hum que não tem hum ceutil e faz aitos para EL-Rei”

m 1887 na Revista Histórica da Archeologia , escrevia M. Alexandre de Sousa :

O Sr. Aragão descreve onze variedades de Ceitis, e escrevia :

Não é esta uma moeda, cuja raridade torne importante conhecer-se e estudar-se cuidadosamente qualquer pequena modificação de legenda ou de typo, e variam também os typos com a mesma legenda. Mas foi uma moeda corrente, pertence como qualquer outra à numária portugueza, e a obrigação do numismata é descrever e estudar a moeda, por mais abundante que seja, por menos valor intrínseco ou desestimação que tenha.

Pequena contribuição para a história do ceitel atribuído a D.João I e a D.Duarte

Parte –1

Ao pretender optar por este tema , sabíamos que iríamos encontrar enormes dificuldades ; a nossa tarefa seria bem maior do que a dos anteriores AA ., empreendedores, que se empenharam nela ; as limitações que nos rodeiam são muitas , só a carolice por este tipo de moedas com algumas hesitações pelo caminho, nos fizeram pegar nele mas , parafraseando o grande Mestre Teixeira de Aragão, que em 1870, dizia : *No século passado (XVIII) , alguns autores trataram de tão interessantes investigações , mas poucos conseguiram avançar ao que se achava escrito no séc. XVII, por Severim de Faria.*

Esta parte da Numismática , moeda de metal pobre , quem a quiser levar a sério, estudando-a, terá trabalho para desenvolver e perderá muitas horas e dias se lhe tiver dedicação , tratando-se de um tipo de moeda, batida a martelo com dimensões reduzidas e legendas em que a maioria delas se não conseguem ler, apresentam-se por vezes muito desgastados pela qualidade do metal em que foi cunhado, o cobre puro, sendo uma das duas moedas pioneiras na Europa juntamente com uma outra moeda veneziana o “ cavallo”, retornando ao uso do metal que milhares de anos antes os romanos tinham introduzido na sua numária ; veio este metal “o cobre” , que se funde a mais de 1000 ° , substituir o bilhão ou bolhão que era liga composta por ele e pela prata, em percentagens variáveis com superioridade da primeira, que desde a 1ª Dinastia tinha sido predominante no sistema monetário português até meados do séc. XV ; por curiosidade diremos que o “cotrim” ,foi a última moeda que se cunhou na liga de Bolhão, (1470) , reinado de D. Afonso V .



ceitel de D. Afonso V



“Cavallo – Veneziano”

Como escrevemos foi a partir do ceutil que se reiniciou o uso do cobre amoedado, metal a que tiveram que recorrer os reinos por ser o que menos custos suportava na fabricação de moeda, motivados pela elevação do preço dos metais nobres (preciosos), ouro e prata nos mercados europeus. Já nos reinados de D. João I e D. Duarte, se tinha experimentado a mudança para o cobre e se tinham cunhado alguns reais e meios reais em quantidades reduzidas, a que o povo conhecia pelo nome de reais “pretos” em oposição às moedas “brancas” em que nelas entrava mais prata.

Muito pouco foi escrito até ao séc. XX sobre os ceitis, e quando se escreveu deles foi sempre com muita hesitação - o acesso às obras que existiam e que falavam de moeda na generalidade, era muito difícil por estar esta matéria dispersa e englobada em livros de conteúdo histórico ou geográfico, muito generalistas, documentação era pouco acessível e escassa, as pesquisas que fizeram os autores dos sécs. XVII - XVIII e XIX, sobre a origem do ceutil, e a conclusão a que chegaram, não era a mais genuína, havia muita confusão com esta e outras moedas, bem diferente da que hoje está à nossa disposição, baseada em estudos e investigação com acesso facilitado a documentação e feitos por especialistas investigadores conhecedores da numismática, em congressos apropriados para a análise dos factos e não em opiniões pessoais em que os escritores antigos se basearam, convictos do que o que escreviam era a sua verdade; aceitemos e agradecemos-lhes o quanto fizeram de bem por esta ciência que é a numismática, mesmo com erros, deixaram-nos um mundo de conhecimentos, para que nós os vindouros lhes seguíssemos as suas pegadas, e assim fomos aproveitando, corrigindo, e avançando; hoje a história dos ceitis é aquela que todos já sabemos, basta ler Ferreira Braga (1903), Ferraro Vaz, Francisco A. Costa Magro, Paulo Lemos, Mário Gomes Marques, Gambeta, Peixoto Cabral e muitos outros AA contemporâneos cujo nome nos não lembra agora.

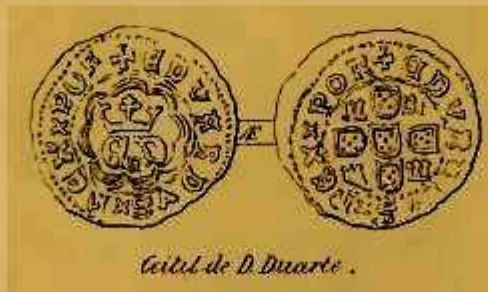
Os conteúdos de obras editadas apresentavam falhas ao ponto de situarem a cunhagem do ceutil no reinado de D. João I, (1385-1433), e D. Duarte 1433 –1438, baseados em alguma literatura escrita e nas próprias Crónicas de Fernão Lopes, Rui de Pina e Damião Goes, que as escreveram com uma distância dos factos, a crónica do Mestre de Avis, como homenagem à conquista da praça Ceuta, no norte de África em 1415; terminada por Gomes Eanes de Zurara.

Teixeira de Aragão, na falta de elementos que o elucidassem e cheio de dúvidas, deixava esta expressão para se apoiar na sua investigação e nas suas dificuldades: *recorremos mesmo a raciocínios que até certo ponto, podem suprir documentos*. Esta é a sua justificação para algumas falhas que cometeu involuntariamente na sua grandiosa obra, Descrição Geral e Hist. das Moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Gov. de Portugal, composta por 3 Volumes.

Como em tudo o que seja investigação e ciência, os avanços e recuos são uma constante e no que diz respeito à numismática não foge à regra, como aconteceu sobre a data da emissão da moeda de nome “seutil”, ceutil ou ceuti, e se ela já existia em Portugal antes do reinado de D. Afonso V (1438-1481), chegando-se hoje à conclusão de que foi erradamente atribuída, a monarcas e confundida com outras moedas, comparando-a aos reais “pretos” de 3 libras e meia de D. João I e aos meios reais de D. Duarte, que para isso contribuíram.



Monumento d'uma filha de D. Dinis.



Ceitil de D. Duarte.

Borges de Figueiredo em 1888, pretendendo corrigir Lopes Fernandes e Aragão sobre as dúvidas que deixaram sobre o Ceitil, escreveu um artigo na Revista Archeológica e História, mostrando a gravura que se expõe da moeda que ele classificava como sendo o verdadeiro Ceitil de D. Duarte, com base nos duzentos exemplares que tinha visto bem conservados e afirmava ainda que era útil publicar estas breves notas destinadas a preencher algumas lacunas que existiam nos tratados numismáticos.

Temos observado que alguns arqueólogos contemporâneos a quando de escavações que efectuam nos tempos que correm , encontram entre a cerâmica e objectos de outros materiais também moedas e com muita frequência ceitis , reais, meios reais de D. João I e D. Duarte , e que ao procederem à sua inventariação e classificação , continuam a insistir no erro de as atribuir como ceitis e a estes dois monarcas , quando afinal já existem boas obras ao seu dispor para não incorrerem nas falhas, que outros em séculos passados cometeram por desconhecimento e por falta de documentação.

A realidade presente está bem apoiada para que acreditemos nela , debruçemo-nos um pouco mais sobre os documentos que fomos encontrando e em vários textos descritos até final séc. XX, altura em que se acreditava que o “seitil” , ceitil tinha sido mandado cunhar pelo nosso rei de Boa Memória , o próprio Gomes Eanes de Zurara que escreveu a terceira parte da crónica deste rei minucioso como era e tendo-a escrito em meado do séc. XV , não se refere à cunhagem do ceitil , e não deixaria de o fazer se a realidade fosse essa , visto que escreveu sobre Ceita, Cepta ou Ceuta , conforme aponta Ferreira Braga em o Archeólogo Português .

Manuel Severim de Faria (1583-1655), talvez o primeiro antiquário português , da Idade Média e coleccionador de moedas, de que temos conhecimento, possuidor de milhares de peças, anteriores e posteriores aos romanos e muitas outras desde a 1ª. Dinastia de Portugal, foi Chantre e Cónego da Sé de Évora, quando se referia às Casas da Moeda que existiram em Portugal , na época MDCLV, data da sua obra “ Notícias de Portugal”, e, sobre os ceitis, escreveu o seguinte na introdução do Discurso IV § 22 das “Moedas Portuguesas em 1653 , quase 300 anos após D. João I.

.....Em razão de estar a Casa da Moeda do Porto, se vêem em os Seitis, a boa parte das moedas antigas com humas Torres na divisa, e hum Rio por baixo, que são as Armas daquela cidade; depois passando a Corte dos Reis para Coimbra, faz menção, muitas vezes o Conde D. Pedro, e particularmente no § 3. dos Moedeiros de Coimbra, por onde parece, que também ali os havia.

..... Quando depois ELREY quis tomar a Ceita, mandou lavar..... e depois que veyo de tomar Ceita, dizem alguns, mandou lavar os seitis a quem deu elle o nome, em memória do nome de Ceita, que então conquistara, ainda que outros dizeres que, por valer a sexta parte do Real se chamaram sextijs e corruptamente seitis.

.....Mandou ELREY D. Duarte (1433-1438) que cada real branco destes valessem hum Soldo..... Quando o mesmo rey mandou bater estes reais brancos, parece que mandou juntamente bater outra moeda a que chamaram “pretos”..... A valia destes primeiros “pretos” , tinham conforme a nossa moeda he a mesma que hum seitil, e quatro cincoentavos de seitil. Porque a mesma Ordem diz que hum real destes brancos valia dez seitis e quatrocentos de seitil, e como dez “pretos” valiam hum real branco, bem se infere que hum “preto “

O Pe. João Bautista de Castro em 1762, na sua obra “ Mapa de Portugal “, ao escrever num capítulo sobre as Moedas Portuguesas , refere :

9 - Ceitil – Mandou lavar esta moeda de cobre El-Rey D. João I., ou na ocasião em que tomou a cidade de Ceuta aos Mouros (1415) como dizem alguns Authores, ou porque era cada dinheiro destes a sexta parte de hum real de cobre e por isso ceitil hé o mesmo, que sextil, e esta nos parece a mais verdadeira deducção, lavraram-nas os Reys sucessores até El-Rey D. Sebastião.

Joaquim José Rodrigues Brito, em 1803, na sua obra “Memórias V”, na página 64, escreve:
no § 81. O Livro escrito pelo Sr. rey D. Duarte diz que um quintal de cobre valia hum marco de prata, e por esta conta cada marco do cobre valia 4 reis (a), no tempo do Senhor D. João III, valeria o marco de cobre em moeda cento e vinte e oito reis; porque a moeda de cinco oitavas valeo dez reis.....

.....attesta o curiosíssimo Menezes, muitas vezes citado, que vira hum seutil do tempo do Senhor D. João I. Que procedeo ao Senhor D. Duarte, o qual pezava hum pouco menos de hum real: porque de alguns que examinou, se via que uma moeda de tres reis, que com as letras utilitati publica era a penultima das menores que corriam em 1738., pezava menos de hum seutil d’El-Rey D. João I.

António Caetano de Sousa (1674-1759), que foi panegirista de D. João V, na sua obra História Genealógica da Casa Real Portuguesa, Tomo IV, página 96, transcreve o que todos os seus antecessores escreveram sobre a moeda portuguesa, o texto de sua autoria é:

***ceutil**, moeda de cobre, que lavrou ElRey D. João I. em memória da famosa Cidade de Ceita, que tomou aos Mouros; valiaõ a sexta parte de hum real de cobre; lavraraõ-na os Reys sucessores até ElRey D. Sebastião.*

Segundo se consta A.C.S baseou-se na Chronica da antiquíssima Província de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, composta pelo Padre Fr. António da Purificação, e impressa no ano de 1656.

O mesmo Autor, na sua História Genealógica, confirma que através de leys de D. João III e D. Sebastião datadas dos anos de 1526; 1570 e 1584, com as alterações que se introduziram nos valores das moedas, *o ceutil manteve-se sempre cotado em, 1 Real = 6 ceitis, apesar das oscilações em relação a outras moedas.*

Os autores , copistas dos nossos textos medievais eram padres , bispos , cónegos , monges, frades, freires, chantres, eram aqueles que tinham estudos do latim e facilidades de acesso aos arquivos dos Mosteiros e Conventos, já referidos como Sé de Braga, Mosteiro de Santa Cruz, Mosteiro de Alcobaça e também as Sés de Évora de Lisboa e do Porto , que possuíam grandes Bibliotecas e que foram as precursoras da Torre do Tombo, no Castelo de S. Jorge, até ao terramoto de 1755, tivemos ainda o nosso maior cronista, Fernão Lopes, a quem são atribuídas todas as crónicas desde os nossos primeiros reis em desfavor de Rui de Pina , a quem D. Manuel encomendou de as escrever dos reis anteriores a D. Pedro , mas que , segundo estudos recentes de historiadores , Pina plagiou essas crónicas e alterou-as a seu belo prazer e têm corrido como sendo ele o seu autor.

Outros houveram que nas suas obras incluíam um Tomo, sobre as moedas portuguesas , como o Mestre Ambrósio de Morales, castelhano, Jerónimo Contador Argote, Arcebispo de Braga, Frei António da Purificação, Frei António Brandão, Monge e cronista do Convento de S. Bernardo de Alcobaça e Abade do Convento de N. Senhora do Desterro em Lisboa, na Monarchia Lusitana, (1632) D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Braga, na História Eclesiástica de Lisboa (1642), Cónego Gaspar Estaço, Frei Bernardo de Brito (1597 e 1609), etc. ,

Frei António de Sousa Macedo, na obra *Eva & Ave* (1676) sobre a Conceição de D. João IV, Joaquim de Santo Agostinho e alguns outros, a maior parte deles não divergiram no que sobre as moedas portuguesas já encontraram descrito, e copiaram o que Fernão Lopes e Severim de Faria, haviam deixado, com as respectivas falhas, que os anos distantes da época em que escreveram e os factos aconteceram, com todos os imponderáveis que os limitavam no acesso aos documentos, quase sempre longe e distante do local onde se encontravam, que o tempo veio confirmar.

Fixemo-nos no Mestre da numismática que foi Teixeira de Aragão, que em finais do séc. XIX e princípio do XX, ainda se referia à criação dos ceitis, a D. João I, e a que Isabel Cruz, investigadora nos finais do séc. XX, inseriu na excelente obra, sobre a importância de, “O Cobre na Amoeção”, que diz:

“Foi com D. João I (1385-1433) que surgiu o ceitil, considerada a primeira moeda de cobre da monarquia (Aragão, 1874, p.214). Durante a 3.ª dinastia só se lavraram moedas de ouro e de prata, mas com D. João IV (1640-1656) voltou a aparecer a moeda de cobre, o real e meio, em território continental. 1[1]”.

Em 1867, sua Magestade, o rei D. Luiz I, tomou a resolução de enviar a *L'Exposition Universelle de Paris* o melhor que D'art se tinha feito em Portugal até aquele ano, milhares de objectos foram enviados, integrando-os na obra, *L'HISTOIRE DU TRAVAIL DE PORTUGAL*.

Seguiram para Paris, objectos de ouro, prata, bronze, latão, vidro, mármore, madeira, pedra, manuscritos, fotografias e milhares de moedas a maior parte pertencente ao nosso rei Numismático datados desde os primórdios de Portugal, com romanas, hispano-romanas, visigóticas, árabes e desde a fundação da nacionalidade, isto é, desde a 1ª. Dinastia.

A quem incumbiu o rei de organizar e levar a Paris tudo isto? Teixeira de Aragão.

Ora, Aragão, para que na Exposição os visitantes não tivessem dificuldades em conhecer a arte portuguesa que se ia apresentar, cada peça e a sua origem, elaborou um Catálogo *com o título “Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail”* “que dividiu por sectores e temas; ora, o que nos interessa neste trabalho, é que ele apresentou a Numismática desciminada peça a peça, 5 páginas com as moedas portuguesas estampadas e numeradas, as que melhor entendeu gravar e que evidenciavam o que de bom tinha à época a nossa numismática, expôs mais de 1500 peças, todo o catálogo foi editado em língua francesa para boa compreensão dos visitantes, atingindo com isso enormes elogios e louvores, surpreendendo a nossa colecção monetária os mais competentes que por ali passaram e o Júri internacional votou a Sua Majestade Fidelíssima o Senhor D. Luís I, a grande medalha de ouro, que ficou exposta numa das vitrinas do gabinete real da Ajuda, e Teixeira de Aragão recebeu a medalha de prata pelo trabalho desenvolvido na elaboração do Catálogo da colecção que representou Portugal.

Sendo o nosso trabalho baseado na história do ceitil, é nesse campo que trazemos à lembrança dos coleccionadores este grande trabalho de Aragão de há 143 anos, levado a Paris (1867).

A peça nº. 525 , apresentou-a o Mestre, no Catálogo como sendo um ceitil de D. João I , em puro cobre, de acordo com a imagem e a descrição que apresentamos .



Observando hoje essa imagem é fácil afirmar que Aragão estava errado , ele próprio hesitava porque não tinha encontrado documento que comprovasse a sua tese , estávamos em Junho de 1867 e ainda não tinha sido editado o I Volume da sua grande obra “Descrição Geral e História das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal , que só foi editada em 1870, e nela mantém ainda a mesma convicção ; se compararmos a estampa do seu ceitil com o real de 3 libras e ½ desprovido de prata não era nem mais nem menos que este em puro cobre, conhecido por (preto), cujas análises vieram a comprovar no início do séc. XX , em 1903 de acordo com o excelente trabalho de Ferreira Braga em o Archeólogo, com o título “ O Ceitil”



royale portugaise, et les réaux d'argent fin, appelés pour cela loyaux, dont parlent plusieurs historiens.

AB.

D. AFFONSO V (1438-1491).

532. Ceitil d'or + RX. PORTUGALIE. ALGA. Écusson avec les armoiries du royaume, surmonté d'une couronne et de la croix d'Avis. R* + DOM. A. Q. CEPTA. Trois tours sur les murs, baignés par la mer ; au-dessus de la porte, C (Ceuta) ; grènetis. AV. (Poids, 45 grains.) Inédite et la seule connue. Nous la considérons comme un demi-écu, car non-seulement elle est d'or du titre de 18, égal à celui des écus que ce monarque fit frapper, mais elle a la moitié du poids de ceux-ci. Nous la plaçons sous ce règne, à cause des initiales A (Alphonso) Q (quinto), et parce qu'elle ressemble beaucoup pour le coin aux autres monnaies de cuivre de ce roi. Elle a coûté 36,000 s. (200 f.).

A peça nº. 532 do catálogo que na mesma Exposição é apresentado como o Ceitil de Ouro , de 18 quilates , de Afonso V ,com as três torres muralhadas , banhadas pelo mar e com a letra monetária C sobre uma porta , e no reverso o escudo com bordadura e coroadado , e as legendas RX.PORTVGALIE.ALGA / R+DOM.. A . Q. .CEPTA , na Edição do I Volume em 1870, já alterou o seu nome para meio escudo em ouro, coroadado , com os mesmos 18 quilates , precisamente a mesma moeda , que três anos antes a tinha apresentado como sendo um Ceitil de Ouro, de Ceuta.

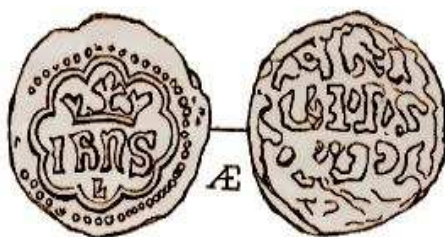
Estas incertezas em relação à moeda “o Ceitil” de D João I , e também de D. Duarte ,foi uma constante ao longo do séc. XVII até ao séc. XX, prolongando-se ainda para além destes por muitos e bons anos .

Não nos vamos alongar muito com o ceitil arábico que também tem levantado ao longo do tempo bastantes dúvidas que ainda se vão mantendo , Aragão também as teve sobre ele, não entendendo as legendas árabes que a moeda conhecida na altura apresentava , e escrevia o texto:

Não achámos documento que nos tirasse estas duvidas, mas no R de um exemplar em má conservação, que vac em seguida estampado, descobrimos vestígios de caracteres que nos pareceram arabes, e talvez fosse algum ensaio nas moedas para a Africa, como praticára Afonso VIII em Castella no seculo XII⁴, e posteriormente el-rei D. Manuel no seculo XVI².

... IHNS; por cima uma corôa, e em baixo L (Lisboa). A legenda na orla completamente apagada.

R Vestígios de caracteres, que nos parecem arabes.



Viterbo diz: «que o *ceitil*³ foi moeda de cobre mandada lavar por D. João I em memoria da cidade de Ceuta, e que valia a sexta parte de 1 real » ; provavelmente copiou o que escreveu Severim de Faria⁴ e D. Rodrigo da Cunha⁵. Nenhum d'estes autores documenta a sua asserção.

Seria este o ceitil arábico de D. João I , que Ferraro Vaz , apresenta como sendo um real “preto” , com os caracteres cúficos ?

Mais um pedaço do texto que retirámos do Livro de Moedas Portuguesas do mesmo autor:

d) Trabalham para D. João I as Casas da Moeda de Lisboa, Porto e Évora; e também de Ceuta, depois de 1415, donde saem ceitis com caracteres árabes a marcar a primeira moeda portuguesa ultramarina.

Ferraro Vaz

Reproduzimos ao que a esta moeda se refere, o Comprovativo nº. 36 de 16 de Setembro de 1472, no 1º. Vol. de Aragão, pela necessidade de moeda “meúda” que faltava no reinado de D. Afonso V, e se teve durante muito tempo como sendo o primeiro documento oficial relativo ao ceitil, e por ele poderia ter corrigido e alterado o seu conceito da atribuição da moeda, Aragão não o entendeu.

A quantos esta nosa carta virem fazemos saber, que considerando nós como a boa governança de nosos Reinos e Senhorios, pertence aver neles muita moeda meuda pera o trauto da mercadoria, e huso da gente ser sem peso, e além diso o Reino ser abastado de prata por ser hua de suas principaes riquezas, das quaes cousas nosos Reinos são ora bem falecidos, asy de moeda meuda, porque nam corre nelles senam crusados e ceitis com que o povo mui peso recebe, e espadins, dos quaes hi há muy pouquos, como de prata solta nem amoedada de que muita soma soya aver, a qual por andarem nosas moedas, e correr em nosos Reinos em pequenos preços e valer muito nos Reinos comarcaaõ, foi levada pera elles

De um outro texto bem desenvolvido, sobre os ceitis arábicos da autoria de, M. T. Antunes, e o Centro de Estatigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (INIC), publicado no Archeólogo Português, série IV, 6/7 em 1988/1989, pps. 187-306, extraímos um pequeno apontamento que julgamos ser esclarecedor do pensamento do autor em confronto com o de Aragão, que sobre eles havia escrito em 1870.

Escreve o Autor : As dúvidas que subsistiram desde que Aragão admitiu que as moedas com a inscrição arábica eram ceitis, é muito frágil aceitar essa dedução baseada no facto de que todos os ceitis emitidos são compostos de 3 torres e as muralhas sobranceiras ao mar – o grande escudo coroadado, sui géneris, na outra face anepígrafe (sem letreiro ou legenda) ; no arábico é bem diferente de todos os outros ceitis típicos que conhecemos.

O módulo e o peso são da mesma grandeza dos ceitis de D. Manuel, é natural que tivesse à época outra denominação. Mesmo tendo em conta a semelhança do metal, o cobre, ao módulo e ao peso, é forçoso concluir de que se trata de uma espécie monetária distinta do ceitel.

Os raros exemplares que se conhecem, os de Aragão são provenientes dos arredores de Tavira e o terceiro, inédito, foi encontrado no Castelo de Alcácer do Sal, há pelo menos 3 cunhos diferentes, que não tiveram sucesso em contraste com a notável estabilidade que foi o ceitel clássico.

O autor refutando a designação de ceitel para estas moedas, perguntava - então que designação lhe deve ser atribuída ?

As moedas com legenda em árabe de D. Manuel I, foram de facto “felus”, emitidos para correr no sul de Marrocos – é esta a designação mais provavelmente verdadeira e de adoptar. Estas moedas foram cunhadas entre 1505-1525, pela conquista de Santa Cruz do Cabo Gué / Agadir.

M. T. Antunes — Moedas portuguesas com legenda em árabe

298



Fig. 3 — O mesmo felce. Reverso: ver legendas das figs. 1-2. Na 2ª linha a palavra *Sultân* (= rei). Escala, aproximadamente x3. Em baixo, o mesmo com maior ampliação e iluminação diferente. Escala aproximada, x5.5. Diâmetros mínimo e máximo, 18 e 18,5 mm.



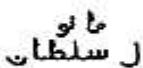


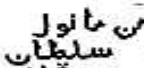
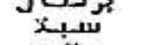

Felces que circulavam em Ceuta quando os portugueses lá chegaram em 1415

É do nosso conhecimento de mais alguns exemplares dos árabicos ; um é pertença de um coleccionador residente no Algarve , Eduardo Vargues , e que observei a sua imagem, constatei três exemplares que já foram leiloados pela Numisma , outra está no B.E.Santo e o Gab Port. Numismática terá outro, e mais dois ou três em colecções particulares ,existirão quase uma dezena , com caracteres variantes, trata-se de uma moeda muito escassa e muito procurada pelos coleccionadores. Há quem aponte que estas moedas foram fabricadas com a finalidade de serem usadas no comércio que se fazia no Algarve entre os muçulmanos que vinham transaccionar os seus produtos e levavam os que se produziam em Portugal. As únicas legendas que apresentam , são: Manuel Sultão de Portugal ou Manuel rey de Portugal , como escreveu Aragão ,por indicação de D. Rodrigo Amador de los Rios , natural de Madrid .



3.4. Síntese e conclusões quanto à legenda

A reconstituição completa da legenda e sua tradução são como segue:

Variante, outro cunho (Reis, nº 50)	Cunho considerado típico	Transliteração	Tradução
<p>    </p>	<p>    </p>	<p> <i>Min Manuwail</i> <i>Sultān</i> <i>Burtuqāl</i> <i>Sebt</i> <i>ah</i> </p>	<p> De Manuel Rei [de] Portugal Ceut a </p>

[Ceuta no exergo; tudo o mais na parte principal do campo].

Quadro inserido no trabalho de M. T. Antunes , traduzido dos caracteres árabes , da moeda

Mário Gomes Marques , talvez o maior medievalista contemporâneo, ao fazer um trabalho inserido na Enciclopédia Luso Brasileira , para a cadeira de Numismática , da Universidade de Évora , deixa na dúvida se o ceitil não seria o real de 3 ½ “preto” de D. João I ? diz nesta pequena transcrição “ Daí também resultou que em fase já adiantada do reinado de D. João I, se tenha tornado imprescindível o preenchimento de um dos espaços monetários a que o dinheiro deixara convir, isto é o dos trocos e transacções de pequena monta, e que se tenha criado para o efeito uma moeda de cobre, sem qualquer parcela de metal precioso, que quase todos os autores identificam com o real preto, enquanto alguns já a pretendam apelar de Ceitil “.

Do trabalho que Gomes Marques e Lopes de Sampaio, escreveram sobre as “Moedas de cobre do Rei D. Duarte , os autores estranham a imprecisão de Aragão , por este atribuir o Ceitil ao Mestre de Avis e ao rei D. Duarte , quando através da Remessa de Santarém nº. 16 , podia ter percebido e tirado as suas conclusões nas passagens incontroversas , o que se entendia e estava escrito sobre o real “preto” de 3 ½ libras, no reinado de D. Duarte. , erros que, como afirmam , também Ferraro Vaz e Batalha Reis, insistiram, repetindo o que já estava mal nos catálogos de vendas e noutras obras por terem seguido o Mestre e não terem aceite as advertências do trabalho de Ferreira Braga em “O Archeólogo”, em 1903, eis o texto dos dois Autores:

MARIO GOMES MARQUES E JOAO LOPES DE SAMPAIO
MOEDAS DE COBRE DE DOM DUARTE

A culpa de Aragão (1) é tanto mais imperdoável quanto é certo que, após ter reconhecido não haver bases para a afirmação, expressa por Severim de Faria (5), Rodrigo da Cunha (3) e Viterbo (10), de que as primeiras moedas com aquele nome teriam sido lavradas por ordem do fundador da dinastia de Avis e depois de recordar que a denominação só apareceu na época de D. Afonso V, acabou por concluir, em frase com má sintaxe, atabalhoada e contraditória, que o «*ceitil*, primeira moeda de cobre portuguesa, foi lavrada no fim do reinado de D. João I». Acresce ainda que o autor da *Descrição geral e histórica* transcreveu, mas não soube utilizar, o documento chamado *Remessa de Santarém n.º 16* (refer. doc. 1), em que duas passagens definem, em termos incontroversos, o que se entendia por *real preto* na época de D. Duarte.

Assim, e atendendo a que a primeira referência a *ceitis* de que há notícia data de 1451 [Baquero Moreno (7)], não podem subsistir dúvidas quanto à verdadeira denominação das moedas de cobre de D. Duarte talhadas a 120 em marco: Tais moedas tinham, na época em que circularam, o nome de *reais pretos*. Insistir, por rotina ou comodismo, em as rotular de *ceitis* só poderá servir para fomentar confusões e dificultar ainda mais a já de si difícil interpretação da história monetária portuguesa do século XV.

Estes apontamentos introdutórios, quisemos descrevê-los para os realçar e testemunhar a atribuição de ceitis ao rei D. João I, ao longo de tantos anos (final do séc. XX, e um pouco para além do XXI)

Falemos então dos elementos que nos ajudam a compreender melhor de como estas moedas foram batidas, o material em que foram cunhadas e quais os reis que as mandaram cunhar, para além de um conjunto de outros factores que fazem parte da sua nomenclatura , tais como, , cruces , castelos muralhas , mar , legendas ,escudos , e os cunhos e os punções que foram usados na sua fabricação e que contribuíram para a sua existência, como hoje as conhecemos e guardamos nas nossas colecções.

A primeira pergunta que fazemos é esta : será que Afonso V , quis colocar o nome de ceitil pelo facto de já existir uma outra moeda mourisca relacionada com Ceuta , como a Dobla Ceitia , ou Dobla Ceytys , que não sendo moeda portuguesa vinha descrita na relação das moedas estrangeiras de ouro , no documento enviado aos Cambiadores, da Chancelaria de D. João I –Livº. 5 fl. 95, 3º. Dip. De 4.04 de 1416 e mais tarde no Livro dos Conselhos de EL-Rei o Senhor D. Duarte , pertencente ao Convento da Cartuxa de Évora de 1433, indicando que a sua proveniência era muçulmana e com origem na cidade marroquina de Ceuta , que juntamente com outras europeias corriam nessa época no Reino de Portugal , e por bem , ligá-la a essa praça conquistada por seu avô ? era um nome sugestivo e apropriado ao grande empreendimento africano, para o escolher para a peça a cunhar e fê-lo a partir de 1448, por necessidade de moeda miúda , não terá sido essa a razão dessa escolha ? .

Não terá havido neste gesto uma convergência e mistura de sentimentos patrióticos e morais de respeito que o rei Africano quis guardar em homenagem ao avô, D. João I .?

A atribuição definitiva ao Rei D. Afonso V , a cunhagem do primeiro Ceitil em 1448/9

Parte - 2

Encontrados com alguma regularidade no subsolo, em quantidades elevadas, a maioria dos ceitis aparecem impregnados de alguma matéria orgânica e química, também desgastados pelo seu uso enquanto circularam, razão porque há peças difíceis de se classificarem por variados motivos.

Eram moedas de menor valor que circulavam de mão em mão e de reinado em reinado, o seu poder aquisitivo era muito baixo, como diziam os catalães para a “puges” valia “pouco ou nada” , contribuiu para que as moedas bem centradas, com as legendas bem visíveis e o seu relevo muito bem conservado e com alguma beleza para serem consideradas raras ou muito raras, a cunhagem a martelo era um sistema muito primário que distorcia na maioria das vezes quase todos os elementos identificativos de que a moeda deveria representar.

Não são muito férteis os documentos sobre o ceitil no reinado de D. Afonso V , mas sabe-se que foram cunhados em finais da década de 1440 , coexistiram muito para além da morte de D. Sebastião, (1578), e continuaram a ser úteis no reinado seguinte de D. António Prior do Crato (1580-1583), aproveitando-se peças de monarcas anteriores , e com a aplicação da contramarca de um Açor, passaram nesta fase ,estas e outras moedas a duplicar o seu valor nominal , por escassez de metal para lavar moeda necessária ; foram alteradas numa Casa da Moeda , aberta para o efeito , nos Açores, enquanto D. António resistia aos castelhanos , onde a chama da soberania nacional se estava a apagar para este grande patriota e para os portugueses , que durou mais de 60 anos.

Aparecem descritos em muitos dos forais de D. Manuel I, e, como curiosidade , ainda na povoação de Fão, na zona de Ofir, a 26 de Agosto em 1639, sessenta e um anos após a morte de D. Sebastião, é referido o nome do ceitil, na assinatura de um Alvará Régio, de substituição, no qual se prorrogava a imposição de 2 ceitis em cada quartilho de vinho, destinado à Fábrica da Igreja Matriz para reparo das areias que cresciam e entupiam as ruas, se não lhes acudissem por se localizar próximo do mar.

Na cidade de Ceuta, vários anos após a ocupação espanhola, o ceitil continuava a circular como moeda corrente com resistência do próprio povo Ceuti que não aceitava moeda de Espanha, definitivamente com a interferência dos Ingleses através do Tratado de Alcáçovas, a entrega dessa praça deu-se oficialmente em 1668.

Curiosamente os Portugueses só saíram do norte de África , de Mazagão em 1769 , séc. XVIII quando o Marquês de Pombal e D. José aceitaram a rendição daquela praça depois de milhares de portugueses ali terem morrido por resistirem às investidas durante anos , dos imperadores Marroquinos , dos quais o último foi Muley Muhammed .

Embarcaram os portugueses em 11 de Março de 1769 , só com a roupa no corpo , tendo chegado a Lisboa os mazaganistas no dia 21 , ficando esquecido na fortaleza, o ferreiro Pedro Rosa, que o Imperador de Marrocos enviou para Lisboa através de uma corveta inglesa , nessa altura já não circulavam no reino os ceitis , mas as moedas de Ouro de D. João V e D. José I ; um mês depois embarcavam, para o Pará , Norte do Brasil , os que sobreviveram para fundarem uma nova Mazagão.

A fundamentação de Francisco Magro para apontar o ano de 1448 para o início da cunhagem do Ceitil ,é com base numa carta de perdão que Humberto Baquero Moreno descobriu sobre o lavramento do cobre nos finais de 1448 e início de 1449, e a uma outra de D.Afonso V , datada de 18 de Julho de 1449 em que o Rei responde a uma petição do Concelho Municipal do Porto, que lhe solicitava a suspensão desta moeda de cobre - junta-se o texto a que se refere esta petição, assim :

De resto, para além da carta de perdão descoberta por Baquero Moreno (1970), há outro documento que depõe a favor da ocorrência de novidades no respeitante ao lavramento do cobre no primeiro semestre de 1449 ou nos últimos meses de 1448. Trata-se de uma carta de D. Afonso V, datada de 18 de Julho de 1449, em que o rei responde a uma petição do concelho municipal do Porto, que solicitara a suspensão dos lavramentos «desta moeda de cobre» porque ela causava «grande abatimento de suas rendas e estruçam de seu povoo» (*ref. doc. 5*). Embora se possa admitir que o pedido se referisse a lavramentos dos meios reais pretos — que a evidência numismática demonstra terem sido relativamente abundantes no reinado de D. Afonso V — não deixa de ser lógico pensar que diria antes respeito a uma nova moeda, o ceitil, que, pesando o mesmo que o real preto dos reinados anteriores, teria entrado em circulação com valor nominal muito superior ao destes (provavelmente o dobro, como veremos).

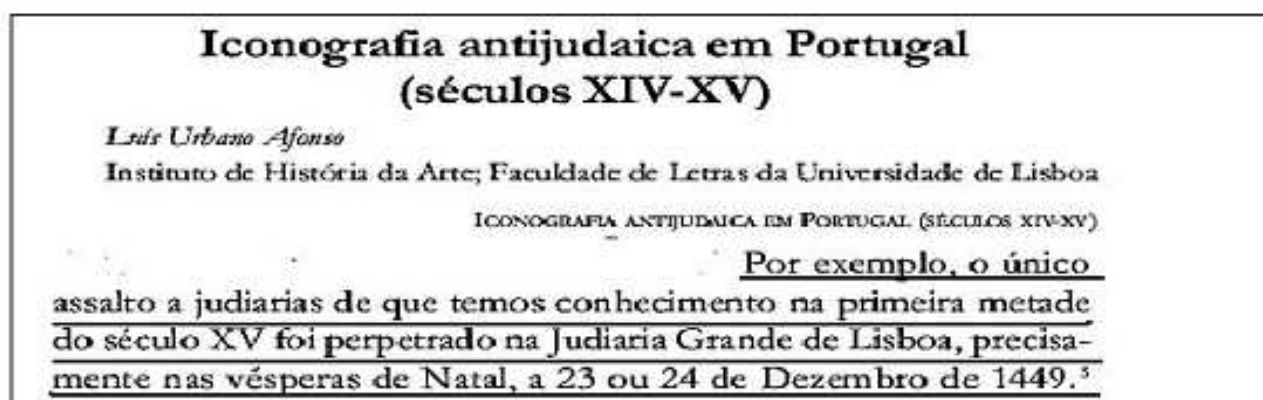
Outras referências de outros autores não divergem muito de F. Magro e todos giram à volta dos anos de 1448/1451, em que pela primeira vez se faz referência em documentos, a ceitis.

É também por altura do “assalto à Judiaria Grande de Lisboa” pelos mesterais , nas vésperas de Natal do ano de 1449 , em que o Rei D. Afonso V ,ordena que se faça Inventário do roubo para proceder a sua restituição aos Judeus , castigando aqueles que cometeram esses actos de selvajaria tendo havido mortes involuntárias de alguns Judeus .

Expomos o documento , que tomamos a liberdade de extrair ao site, “Ceitis” que se refere a 1449, a data do Inventário que indica o conteúdo que foi roubado, além dos ceitis e outras moedas, também foram levados tecidos estrangeiros que pertenciam aos Judeus e faziam parte do seu comércio.

Uma das primeiras referências escrita a esta moeda de cobre data de 1449. Em Dezembro desse ano, houve um assalto à judiaria de Lisboa, e no relatório feito logo após o assalto, aparece no inventário, os ceitis de cobre entre outros bens que foram roubados. Toda a documentação existente, aponta para que a criação dos ceitis tenha acontecido no final da década de 1440, embora a maioria das referências da época em que estão descritas moedas, refiram-se sempre aos valores especificados em reais pretos e reais brancos. Desde o seu aparecimento até deixar de ser cunhado, o ceitil manteve a mesma tipologia básica que sempre o caracterizou

O Texto seguinte, comprova a data em que se deu o mencionado assalto à Judiaria Grande.



Ainda Mário Gomes Marques, noutro trabalho inserido na revista espanhola, de numismática, SAIEM, de 1982, com o título Numária Medieval Portuguesa, referencia o doc. 3. – Carta de perdão de crime cometido durante o assalto à Judiaria Grande, passada a favor de Bartolomeu Vasques. Arq. Nacional da Torre do Tombo, chancelaria de D. Afonso V, liv. 35, fl. 18, data de 1451.

Alguns autores dedicaram parte do seu tempo a investigar os ceitis uns mais que outros, mas o galardão e a glória maior vai para Francisco A. Costa Magro que durante vários anos se tem dedicado a esta e outras moedas, observou mais de 6 mil ceitis, para posteriormente ter colocado à nossa disposição o seu grande trabalho e uma bela obra com o título “Ceitis” Novas Contribuições para a sua História, editado em 1986, pelo Instituto de Sintra, ordenando-os e classificando-os separadamente por reinados em que foram cunhados, a tipologia dos respectivos grupos; escudos; a simbolologia - torres, as ondas do mar, as legendas, os castelos, os escudetes as cruces, os aneletes (arruelas), os besantes, pontos, etc., em suma, todos os elementos que compõem os ceitis, com as interessantes variantes que os particularizam e individualizam, salientando originalidades em cada exemplar, entre os milhares que foram cunhados, cujos registos de quantidades emitidas se não conhecem.

O mesmo autor aceitando convite para escrever um trabalho para o Livro de Homenagem a Mário Gomes Marques no ano 2000 , editado pelo Instituto de Sintra, fá-lo com o título “Ceitis - Novos Dados “ , justifica que não acrescenta novos grupos , porque não os encontrou desde 1986, data da sua grande obra, mas dentro destes, coloca novos subgrupos e mais alguns novos elementos do aparecimento de diferentes características encontradas. Com base nas análise efectuadas no cobre usado na cunhagem dos Ceitis, pelo método de activação por neutrões rápidos de ciclotorão foram encontradas 7 origens diferentes de metal usado na cunhagem das moedas que foram analisadas , e acrescenta , que existem boas hipóteses para considerar que houve aproveitamento esporádico dos cobres de moedas romanas, ibéricas, bizantinas e árabes.

Outros trabalhos vão aparecendo paralelamente a F. Magro , pela importância que representaram estas peças , que na sua época era a moeda circulante dos pobres e hoje como moeda de colecção para todos.

Ceitis, são moedas que apareceram como já referimos , em meados do séc. XV, e por todo o séc. XVI, que , Costa Lobo, atribui erradamente o seu aparecimento no ano de 1472 , baseado no Comprovativo nº. 36 de 16 de Setembro , afirmando que quando se iniciou a sua cunhagem a situação monetária de Portugal era ruim e escrevia :

Os ceitis de cobre cunhados por D. Afonso V , como “moeda má”, expulsavam a moeda boa que era recolhida, e transformada em prata . A velhinha lei de Gresham , de Thomas Gresham , financeiro inglês , que viveu entre 1519-1579, que ainda hoje é pedra basilar dos financeiros , já escrevia : “a má moeda expulsa a boa moeda”

Com D. Afonso V , cria-se o 3º. período monetário português , o 1º. tinha-se iniciado com D. Afonso Henriques , o 2º. período com D. Fernando I , e o aparecimento do ceitel de cobre , veio acabar a distinção e o conhecimento que se tinha desde D. Fernando , nos termos enraizados e então usados , de “brancos” e “pretos” e a partir daí passou a conhecer-se a moeda , apenas por “reais”; com a sua introdução D. Afonso V fez desaparecer o real “preto” em 1459 , obrigando a que as populações passassem a conhecer as moedas pelo seu valor em “reais” , já que neste reinado se introduziu uma grande variedade de moedas no sistema monetário com muitas denominações e valores , com predominância nas de prata , e algumas de ouro ; consumara-se deste modo a evolução e permanência da nova unidade monetária ; lembramos os nomes das de menos valia , em cobre do rei Africano : meio real preto ; ceitel ; em metal precioso “ouro”, o cruzado ,o escudo, e o meio escudo ; a “prata”, real grosso , meio real grosso ou chinfrão e meio real ; em bilhão : real branco , espadim e cotrim .

Afonso V, inseriu nas suas moedas, a legenda alusiva a Ceuta - **DOMINUS CEIPTU –CEPTE–CEPT –CEP –CEITA e CEUTA**, para homenagear a conquista desta praça em 1415; a palavra Cepta aparece também nas legendas, no meio escudo de ouro e no meio real de prata, deste mesmo rei, ele se intitulou “Senhor de Ceuta”.

Foi batido o Ceitil, por necessidade de moeda de troco e de baixo valor, e para transacções de coisas de primeira necessidade, por isso lhe chamou Rui de Pina no Livro Vermelho escrito no reinado de D. Afonso V, moeda insignificante, que circulou durante 14 décadas, e tiveram a sua grande utilidade, nas classes mais pobres, enquanto moeda corrente e fraca para compra de coisas “meudas”, e para as esmolas nas igrejas.

A sua importância na Sociedade do séc. XV e XVI – Época dos Descobrimentos

Afonso V decretou o seu valor inicial em 6 ceitis o real, mas não deixa de ser curioso porque quando do seu aparecimento corriam no reino os reais de 3 ½ “pretos” de D. João I e D. Duarte que 10 valiam 1 real branco, a situação estabilizou com o desaparecimento do “preto”, em 1459, entretanto, encontrámos vários documentos, registos e escrituras em épocas diferentes que testemunham que o seu valor foi variável entre 5 e 7 ceitis para o branco, tendo vindo ao longo dos seus 140 anos de vida a reduzir-se de módulo e de peso. A sua cotação a 1/7 do real foi de curto espaço de tempo foi-o com D. João II em 1482, mas logo as Cortes em 1485 trouxeram-no ao seu valor inicial a 1/6 como refere António Caetano de Sousa, que se manteve até ao reinado de D. Sebastião.

Para além da circulação interna, os ceitis tiveram ainda a sua função fundamental junto dos nossos navegadores e foram de uma grande utilidade na época dos descobrimentos, e o exemplo disso é que, no diário de bordo da viagem de Vasco da Gama para a Índia em 1497, a 12 de Novembro, se menciona em vários capítulos, o seu uso pelos nossos heróis navegadores, ao servirem-se deles dos muitos que levavam consigo, além de moedas de ouro, o nosso navegador levava uma destas pendurara ao pescoço para mostrar aos Sultões quem era o rei que governava o reino de Portugal e a riqueza que possuía, juntamente com barretes vermelhos e os trocavam por produtos e objectos que trouxeram no regresso; trocaram ceitis por uma bainha da altura de homens, baços (negros) que lhe apareceram na Angra de Santa Helena, constatando-se com isso que estes povos prezavam o cobre, porque também traziam umas continhas nas orelhas e umas “manilhas” argolas nas pernas.

Cristóvão Colombo, “Colon-Zarco” na sua primeira viagem às Antilhas (América), cujo destino inicial seria à Índia, também levou consigo para negociar, ceitis portugueses tendo-os trocado por sedas, especiarias e pedras preciosas. É de estranhar ainda que se o Almirante se dirigia à Ásia a fim de contactar as avançadas civilizações da Índia, da China e do Japão, só tivesse levado para trocar por sedas, especiarias, metais e pedras preciosas, contas de vidro e pratos de barro, e para comprar o que os índios vendiam tivesse usado ceitis que eram moedas portuguesas!

Foi moeda levada por ele para as Antilhas, como já era assim com os nossos navegadores que para negociarem com as etnias tribais de África, levavam consigo muitos ceitis; nas Caraíbas como em África, os povos destes reinos não tinham contacto com os câmbios monetários da Europa e era fácil transaccionar com eles através destas moedas que os cativavam segundo os diários de bordo.

A sua expansão no resto do mundo

Apresenta esta moeda um diâmetro de 18 / 22 mm , aproximadamente, sem brilho , tosca sem forma homogénea , umas vezes circular outras quadradas , a parente pobre da Numismática Portuguesa, do seu tempo , (sécs. XV – XVI) , não foi por esse facto que a impediu de acompanhar as suas colegas , reluzentes, brilhantes , valorosas e com a sua fama , respeitadas e copiadas por muitos soberanos nos vários continentes, por onde os valorosos portugueses de antanho chegaram, as moedas de ouro o “Português” ,de D. Manuel I e D. João III , eram conhecidas no norte da Europa por *portugaloser's* ou *portugalóides*, tendo servido de modelo para cunhagem de outras moedas em ouro desses países .

As moedas de ouro que referimos , eram as de maior valor que D. Manuel tinha mandado cunhar, valiam muito mais do que o modesto e insignificante ceitil , lembremo-nos dos escudos, dos reais, cruzados, dos portugueses, dos justos , dos São Vicentes , dos engenhosos , de metal precioso, que os nossos reis emitiram e vamos encontrar os pobres (Ceitis) , em Makutani -Tanzânia , na Índia , em Goa na África nas terras por onde os portugueses colocaram o Padrão dos Descobrimentos, no Brasil em várias regiões , noutros países da América do Sul, por onde Cristóvão Colombo aportou e ainda na Europa , na Galiza , em Castela e Aragão , Las Palmas , Maiorca , no Reino Unido , Cambridge e quem diria que chegariam à Dinamarca , onde num castelo de Copenhague * foram encontrados há poucos anos com ajuda de detector de metais , em escavações , um ceitil de D. Afonso V , outro de D. João II juntamente com uma barbuda cunhada na Corunha por D. Fernando I em 1369; resumindo, se bem os procurarmos deveremos localizá-los talvez no Japão , na China, na Austrália , na América do Norte , diremos, por todo o mundo onde a alma lusitana marcou presença.

O texto que se segue foi extraído tal como se encontra descrito num trabalho inserido na página 135 do Livro ACTAS , do III Congresso Nacional de Numismática -Sintra 1985 da autoria de K.A Rodgers - docente da Universidade de Aukland, New Zeland.

A tradução do inglês em que o texto se apresenta escrito – Quando os portugueses chegaram às Molucas (as Ilhas das Especiarias) , encontraram uma economia bem estabelecida , que usava , como moeda , caixas importadas de Java . Uma série de administrações corruptas do forte e dos estabelecimentos comerciais portugueses acabou por conduzir à insurreição do arquipélago. Em 1536, António Galvão , conseguiu restabelecer a paz e o comércio, e tentou substituir as caixas pelos ceitis em parte para convencer os molucanos de que os portugueses tinham vindo para ficar e em parte para permitir à Coroa , controlar o mercado das especiarias

Sobre o achado de Copenhague encontra-se um trabalho de 4 páginas da autoria de Jorgen Steen Jensen do National Museum of Denmark , Copenhague, nas páginas 377 / 380 do Livro editado pelo Instituto de Sintra no ano 2000 , com o título “HOMENAGEM A MÁRIO GOMES MARQUES” .



D.Afonso V – g. 8



D. João II – g. 4



Four Portuguese coins, along with a jetton, found during the excavation in 2002.
©Newport Museum and Heritage Service

Serviço de Património

Jettons contadores foram utilizadas pelos comerciantes para ajudar na adição e subtração de dinheiro e Newport Ship merchandise. The Medieval é o maior, mais completo e melhor preservado.

Navio medieval já escavados no Reino Unido.

Em Espanha :

La excavación de urgencia de la Plaza Vieja (Tudela-1993)

La necrópolis cristiana y nuevos datos sobre la Mezquita Aljama *

LA EXCAVACIÓN DE URGENCIA DE LA PLAZA VIEJA (TUDELA-1993)

97

- ceitil (9 monedas) de Alfonso V de Portugal. 1438-1481

- óbolos (5 monedas) de Juan I de Navarra. 1441-1479

- media blanca de Catalina I y Juan II Albret. 1483-1512

- octava parte de escudo de Enrique II Albret. 1516-1555

- octava parte de escudo de Antonio de Borbón y Juana II de Albret. 1555-1562

- octava parte de escudo de Enrique III de Borbón. 1572-1589

- pepion de Fernando IV. 1295-1312

- 4 maravedís (2 monedas), medio real y media púgosa de los Reyes Católicos. 1469-1504

- cornados (3 monedas) y medios cornados (3 monedas) de Fernando V (I de Navarra). 1452-1516

- ceitil (2 monedas) de Manuel I de Portugal. 1495-1521

- ardite de Carlos y Juana de Castilla. 1506-1516

- ceitil (4 monedas) de Juan III de Portugal. 1521-1557

- ceitil de Juan III y Manuel I de Portugal. 1521-1557

- real resellado, blanca y cornado de Felipe II (IV de Navarra). 1556-1598

- 4 cornados (7 monedas) y 4 maravedís (2 monedas) de Felipe III (V de Navarra). 1598-1621

- 16 maravedís (3 monedas), 4 cornados (8 monedas), y 2 cornados de Felipe IV (VI de Navarra). 1621-1665

- dinero (14 monedas) y 4 cornados (3 monedas) de Carlos II (V de Navarra). 1665-1700

- maravedí de Felipe V (VII de Navarra). 1700-1746

Há ceitis expostos e guardados em vários museus espalhados por esse mundo fora, lado a lado com a fina flor da numismática mundial, onde são admirados pelos colecionadores desses países e nós por cá, só muito tarde lhes começámos a dar alguma importância; era moeda mais ou menos desprezada, vendida aos magotes na Feira da Ladra, não há muito tempo.

Usando as palavras de Aragão, aqui fica mais um seu desabafo: sobre as moedas de cobre:

os achadores destas moedas tinham tido pouca consideração pelas mesmas, razão porque a sua cotação não tinha relevância na numismática dos séculos anteriores aos seus e por esse facto ele tinha dificuldade em lhe atribuir algum valor quando pretendia cotá-las..



Ceitis raros pertença de Jorge Cardoso-coroadado com bordadura e com escudo suíço

Processos da cunhagem do ceitel. Particularidades da sua tipologia nos vários reinados.

O facto de terem sido cunhados com o batimento de um martelo numa das mãos, e o uso de tenazes para fixação do disco sobre o cunho inferior, dado o seu aquecimento a temperaturas elevadas, eram escolhidos para essa função de cunhadores, operários pedreiros, ferreiros, forjadores, e destas profissões por serem aqueles que melhor e mais rendimento produziam no manuseamento dos utensílios e ferramentas, com o aproveitamento de alguns escravos, o cunho superior ou o punção eram seguros com uma das mãos, o ajudante tinha a missão de colocar os discos aquecidos e segurá-los com a tenaz, retirando-os enquanto o operário batia com o martelo, a marreta ou ainda o malho, numa sequência mais ou menos ritmada, interrompida pelo desvio de algum disco (pastilha ou gota), ou pela pancada no protector de aço usado numa das mãos originando as recunhagens que conhecemos; seriam sempre necessários dois cunhos para gravação da moeda, um para o anverso outro para o reverso, o superior, revestido de bronze no local onde o martelo assentava para não rachar e o restante de metal mais rijo, normalmente aço. Os cunhos eram preparados, alisados antecipadamente para que o abridor ou gravador iniciasse os entalhes, o uso de punções cada um com a sua função, uns para os desenhos, outros para sinais e letras, a orla, por conveniência, seria sempre o primeiro trabalho a gravar depois de se estabelecer o centro e o círculo do cunho através de um compasso, deixando o campo para que tudo o resto coubesse no seu espaço.

Era costume existirem pelo menos dois operários gravadores, o ajudante que iniciava com o trabalho mais simples , as legendas ou sinais com punções individuais e o mestre para os desenhos, ou imagens que requeriam maior perícia pela pequenez dos seus traços e caracteres .

O cunho inferior era onde se gravava o anverso da moeda , era fixado por um espigão à bigorna onde existia um orifício onde se fixava o cunho , ou ao cepo para resistir à pressão que o operário moedeiro imprimia ao seu ritmo martelar, cadenciado evitando não oscilar , quase sempre sentado no banco de tripé ou num toro de madeira grossa e tosca, o anverso era normalmente a parte mais artística e uniforme que identificava a moeda, símbolo mais importante, no caso dos ceitis, sempre o castelo com as suas torres, torreões, as ondas do mar sempre sob a muralha, as legendas em latim ou gótica alemã , excepto nos ceitis conhecidos por “arábicos” com inscrição árabe com o nome do rei “ Manuel I Sultão de Portugal” , que o monarca mandou cunhar em Lisboa para circularem em Ceuta !! ou no Algarve onde o comércio com os mouros se fazia com frequência , classificados no grupo 4, são dos mais difíceis de encontrar devido à sua escassez, pelo que o seu grau de raridade é elevado, emissão pouco conseguida.

No reverso aparece sempre o escudo símbolo nacional, mais ou menos ornamentado, mais amendoado, mais curvo, mais ogival, mais arredondado, muito variado ao gosto do desenhador ou gravador, ladeado por cruces, aneletes ou pontos, com os escudetes laterais deitados e virados com o chefe para fora em D.Afonso V, raros com o chefe para dentro, e em aspa em D. João II com o chefe para cima, terminado em ogiva (invertida), menos acentuado em D. Manuel I, arredondado em D. João III e D. Sebastião, neste último rei, as pastilhas são quase rectangulares, o escudo isolado sem castelos, com os escudetes e sem companhia de aneletes, pontos, cruces a cantonarem, aparece ainda o escudo ogival, aberto do tipo 6 - (Suíço), outros ceitis com bordadura e 7 castelos e escudo coroadado, em D. Afonso V , D. Manuel I e D. João III, estes muito apetecíveis e raros de se conseguirem.



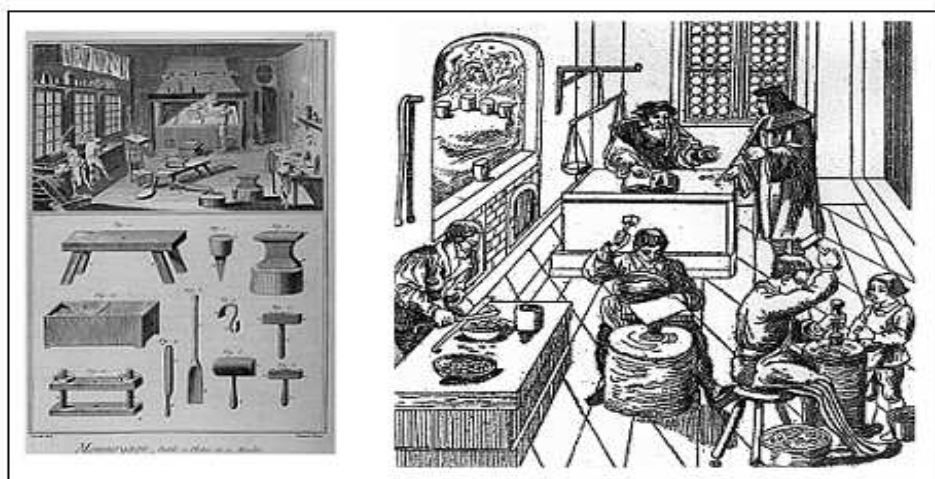
A bigorna em aço ou ferro e ou o cepo de madeira, e era nele , como já referimos, que se fixava o cunho inferior; os símbolos e os caracteres deveriam corresponder com fidelidade à gravação encontrada nas duas faces dos cunhos abertos para esse fim , que o abridor gravador, tinha aberto a cinzel e punções, apresentavam-se estes, cavados, ocos ou incusos para que a moeda mostrasse em relevo os símbolos e as legendas; aparecem-nos algumas excepções ou por erro ou porque o gravador assim o entendeu ; no reinado de D. João III, alguns dos ceitis aparecem com essas características , nos escudetes em que por falha ou intencional os cunhos apresentavam variações.

Os eixos dos ceitis não aparecem uniformes e é bom de se entender e aceitar porque se trata de moedas cunhadas a martelo, em que já afirmámos, o troquel (cunho inferior) era fixado, e o cunhador não conseguia manter um ritmo constante igualitário devido ao cansaço ou ao rodar os pés ou mexer o corpo, logo que o fizesse, os eixos ficavam descentrados devendo os coleccionadores tomar em consideração esse facto porque eles aparecem em todas as direcções, por que, não se deve atribuir alguma importância.

As moedas cunhadas por este sistema manual que durou milhares de anos, manteve-se até 1678, quando o rei D. Pedro II iniciou definitivamente a cunhagem mecânica com o balancé, sem que antes, outros processos tivessem sido experimentados com avanços e recuos desde 1548, evidenciando-se o “Engenhoso” de D. Sebastião, como a primeira moeda datada em Portugal (1562).

O aparecimento de muitos ceitis com deficiências na sua imagem é fruto de muitos factores e erros tais como, a pancada do martelo ou a mão que segurava o cunho superior, não era tão certa porque nos aparecem moedas recunhadas, duplas batidas, descentradas, em que a cunhagem se repetia, havendo ceitis que mal se conseguem classificar, deixando de fora elementos primordiais à sua identificação, como as legendas e outros caracteres, que hoje nos tiram as pestanas para gozo da nossa paixão.

Um outro pormenor curioso, é que os gravadores, com grande perícia tinham que transportar as legendas e os símbolos para a matriz, do modo invertido, isto é, contrário aos ponteiros do relógio para que a moeda apresentasse todos esses caracteres de maneira a que se pudessem ler correctamente e entendermos todo o significado que as suas mensagens quase sempre religiosas ou patrióticas nos transmitiam, nesse pormenor de beleza e perfeição os desenhadores, gravadores ou talhadores gregos foram os maiores artistas nesta arte monetária, a mais de 3000 anos de distância é um primor observar a perfeição de toda a numária grega com uma enorme beleza, levando grandes apaixonados a coleccionar as moedas gregas dessa época e por esse facto.



Cunhagem a martelo numa oficina tradicional até ao terceiro quartel do séc. XVII

A curiosidade e a particularidade destas espécies , além das que já descrevemos, é que, raramente se encontram duas moedas iguais em quaisquer dos reinados que as cunharam, apesar de lhe ser dada a mesma classificação de grupo e do tipo de escudo, muito idênticos, dando a entender terem sido usados os mesmos cunhos, existe sempre um pormenor em cada um que os individualiza e os distingue dos seus semelhantes, é fácil de explicar o porquê, o sistema então usado, na cunhagem era um processo rudimentar e pouco uniforme, a segunda pancada já era diferente da primeira , e quanto mais pancadas , mais cansaço , mais imperfeições, os discos ou pedaços de metal, em cobre, aquecidos a temperatura elevada 700 / 1000 °, eram arrefecidos lentamente para que se tornassem maleáveis e a gravação fosse feita; cortados à tesoura, e desiguais, de reduzida dimensão, nunca ficavam sossegados sobre o cunho , suportavam mal a força do martelo e de pancada para pancada se iam desgastando os cunhos a cada contacto, nas primeiras cunhagens tudo corria normal , os cunhos eram novos o ritmo era constante, logo que se baixava de ritmo as distorções eram visíveis um cunho no tempo dos gregos gravava cerca de 40 mil moedas , Maria José Pimenta Ferro afirma no seu Catálogo de Moedas Portuguesas , que devem ter existido cunhos de madeira , não nos apercebemos de ver referenciada a época em que isso aconteceu.

Ceuta e os ceitis andaram a par no reinado de D. Afonso V , que mandou cunhar estas moedas e algumas com as letras monetárias **C** e **H**, além do **I** e do **P**, estas indicativas das Casas da Moeda de Lisboa e do Porto , as primeiras alguns autores atribuem-nas a Ceuta ; Magro em 1986 também apontava para esse facto , porém , no seu último trabalho em 2000 , face a estudos efectuados posteriormente à edição do seu livro, escreve ... *os Ceitis com as letras monetárias **C** e **H** , há fortes motivos para pensar que não houve Casa da Moeda em Ceuta e muito menos em Arzila e Alcácer Seguer, baseia-se na análise dos resultados com base nas características do cobre utilizado no fabrico desta moeda , porque os ceitis com as letras **I** e **C** , atribuídos à Casa da Moeda de Lisboa apresentam os mesmos resultados, e continua as moedas com a letra **C** consideradas por vários autores como sendo cunhadas em Ceuta, foram na realidade batidas em Lisboa (no mínimo os discos foram feitos nesta Casa da Moeda) , embora para circularem no norte de África ; Casa da Moeda do Porto tem a letra monetária **P**.*

Referindo-nos ainda à letra **A** , no Boletim da Soc. Port. De Numismática “Nvmms” de 1979 , transcrevemos os elementos que obtivemos nas nossas buscas:

*.....Os Ceitis que consideramos de extrema raridade e alguns deles nem mesmo foram ainda relacionados ou descritos :
Os ceitis que apresentam gravada a letra “A”, não coroados.*

...o pequeno “A” dos ceitis que descrevemos e reproduzimos neste artigo, teremos de admitir a possibilidade de o referido “A” , não coroados, querer ser na realidade uma letra monetária e não a inicial do nome do monarca.

..... Assim podemos supor senão documentalmente, mas com provas circunstanciais e com lógica, que, quer no caso dos espadins quer no do ceitel com “A” , sobre a torre central, tratem-se de moedas cunhadas no Porto, com letra “P” e em Lisboa sem o indicativo “L”, para suprir numerário que facultasse a possibilidade de pôr em pé de guerra um exército e uma armada

Características, variações, erros e raridades encontrados na moeda

O nosso trabalho é baseado em pesquisa que fomos fazendo ao longo de muito tempo , quando o iniciámos , sabíamos como começar mas quanto ao acabar aí a situação era bem mais complicada.

Não se pode afirmar que os erros não existam, pelas particularidades a que já aludimos, haverá sempre falhas mas não serão por esse facto que menosprezemos o tempo gasto ao longo de muito tempo, horas que consideramos ganhas e não perdidas , com a certeza de ter aumentado o nosso conhecimento numismático , se outros quiserem retirar dele o que de melhor ele tem , ou o quiserem melhorar, já mereceu o trabalho que desenvolvemos.

Quanto aos módulos , pesos e legendas de cada grupo, aqueles que observamos, por falta de outros valores , não é possível mencioná-los, pelo que vimos são poucos os grupos que respeitam os valores estabelecidos por lei, a disparidade é tão grande que não dá para comparações, como exemplo: no Grupo 7 de D. João III, encontram-se ceitis com 0,73 g, e outros com 2,28 g., para um ceitel com diâmetro de 17 mm , e por aqui ficamos por falta de elementos que seriam muito úteis , mas as nossas limitações não nos deixam grande espaço.

As crises económicas , a guerra no norte de África, os descobrimentos, o custo do material (cobre), as pestes , obrigaram a reduzir os tamanhos e espessuras dos discos, casos houveram em que existem ceitis cunhados sobre reais “pretos” e de 3 libras e $\frac{1}{2}$ de D. João I e sobre o $\frac{1}{2}$ real de D. Duarte , tendo Teixeira de Aragão afirmado que viu um ceitel com legenda árabe, cunhado sobre um real preto do Mestre de Avis ; um colega numismático contou-nos um caso de que tem conhecimento, de fonte idónea, que um grande coleccionador português possui um ceitel de Afonso V, em que no reverso apresenta uma das faces de um espadim deste mesmo rei, e se observarmos a imagem do ceitel com que colocámos na página 3, podemos contemplar a beleza de um recunho em que no reverso se vê o escudo usado nos reais/leais de prata do rei D. Afonso V, curiosidades estas que não nos espantam e de que os ceitis são bastante férteis, umas menos felizes outras curiosas e interessantíssimas , há que procurá-las .

Os híbridos, a que os franceses chamavam (“Mule”, mula), em que a cunhagem é feita num disco em que aparece o nome de dois monarcas, ajustando-se e atribuindo-se na classificação, ao último rei inserido nas legendas, podendo situarem-se estas, ora no anverso ora no reverso, por outro lado aparecem casos em alguns reinados, com ceitis de módulo grande, 26 mm de D. Afonso V, e de 13 mm de D. João III, por aí se podem tirar conclusões na irregularidade dos módulos desta moeda , diferenças essas que acontecem em quase todos os grupos observados, entenda-se que, quanto mais tardios foram cunhados os ceitis , menos custos eram gastos com a sua produção , nisso foi sempre um pretexto que os reis usaram , reduzindo o disco ou adelgaçando-o ,depreciando-o, era sempre mais um ganho para o erário do reino .

Pormenores que intervieram na fabricação dos ceitis em que só a pesquisa e a leitura nos ajudam a compreender, assim como : nem todas as moedas eram batidas com martelos uniformes (com o mesmo peso) , dependia da força do operário que o usava e outros factores faziam depender muito a perfeição da moeda, como o tamanho e a fragilidade do disco , as gravuras , os cunhos ; os instrumentos eram escolhidos no peso em função da espessura e diâmetro dos módulos , para que estes não viessem a rachar ; os cunhos e os punções tinham que ser arrefecidos em água, com frequência, porque o seu aquecimento retirava-lhe qualidades obrigando os caracteres e os desenhos a se irem desgastando e era preciso mantê-los com o máximo de duração . Na cunhagem dos ceitis é natural que o operário ajudante usasse tenaz e um protector em ferro ou aço que lhe servisse de luva para defesa da sua mão face às pancadas que se escapavam ao cunho, na antiga Roma assim era usado segundo um estudo ancestral, o operário que usava o martelo, poderia atingir entre 60 e 150 pancadas por minuto, dependia da grossura do disco a cunhar e da sua força humana.



- | |
|---|
| <p>1-Ceítal, especial e RRRR, pertencente a José de Matos, distinguem-se 4 arcos lobados sobre as torres, característicos da moeda de meio real de dez soldos - bolhão de D. João I.
 2-Ceítal coroado, cunhado no reinado de D. Manuel I, pertencente a Eduardo Vargues
 3-Ceítal D. Afonso V ,recunhado sobre real preto ! D. Duarte !!!!, pertencente a Rui Belfo.</p> |
|---|

Não deixa de ser curiosa a polémica com os “ arcos lobados” que aparecem em alguns ceitis e se tenta atribuí-los a uma outra moeda, o real e que os arcos ou crescentes, são apenas restos de epiciclóides do anverso de outra moeda anterior, remetendo-nos para o que refere Magro, sobre estes tema.

F. MAGRO (1986) admite que "esta interpretação pode ser correcta em alguns exemplares (que aliás, nunca viu), mas não tem qualquer dúvida de que existem ceitis em que os referidos arcos são elementos tipológicos intencionalmente abertos nos cunhos destinados à sua produção". Afirma também que teve a "oportunidade de examinar várias dezenas de recunhagens e em nenhuma destas encontrou os vestígios da epiciclóide nas posições correspondentes às dos arcos em causa".

Ainda, sobre a imagem do ceitil que se insere mais abaixo, que faz parte do Livro de F. Magro, obra conhecida e já referida, pertencente ao grupo 1 do rei D. João II, se observam, particularidades que podem originar alguma polémica e contraria por princípio a atribuição da própria moeda a este rei, o anverso corresponde inteiramente aos do grupo 6 de D. Afonso V, dos que se atribuem a cunhagem à cidade do Porto com a letra P, os escudetes laterais, deitados e ladeados por cruzes, só existem no rei Africano e finalmente porque a legenda **lhns** é característica do reinado de D. João I. Mais um facto estranho de que os ceitis são férteis, exemplares que procuramos e gostaríamos de ter nas nossas colecções, no entanto está catalogado em D. João II.



Ceitil D. João II -Tipologia Afonso V, Legenda IHNS -usado por D.João I

D. João II foi aclamado rei por duas vezes 10/11/1477 e 31/08/1481, logo então este ceitil seria da primeira aclamação (...mas não deixa de ser estranho que tenha adoptado as mesmas iniciais que D. João I. “.lhns”, letras de lohanes, sem as consoantes.

Recentemente fomos surpreendidos com a descoberta de um novo ceitil, que veio inserido na Revista Numisma, nº. 82 de Dezembro de 2009, que se atribui a D. João II, com as seguintes características: torres altas, ondas contínuas, escudo do tipo 4, cruz de Avis, escudetes laterais com o chefe para fora, sem besantes, com as seguintes legendas – anverso ADIVTORIVM reverso, IOANES€ invertido.

Está exposta a sua imagem no site “CEITIS”, e está-lhe atribuído o G. 7.1.1, classificado com base no livro “Os Ceitis” de Francisco Magro.

Até à presente data o reinado de D. João II era composto por 6 grupos que se definiam bem entre si, acontece que por agora só temos uma peça ÚNICA, para que possamos formar um conjunto ou um grupo que será o 7!, para isso são necessárias 2 peças semelhantes, vamos aguardar que outro ceitil idêntico apareça para júbilo dos apaixonados deste tipo de moedas que cativam os coleccionadores.



O Ceitil de D. João II , com tipologia de D. Afonso V

No reinado de D. João III, no grupo 7, observam-se alguns ceitis em que os discos ou os cunhos se encontram desajustados e desconformes em relação um ao outro, na maioria destas moedas não são visíveis todos os caracteres (legendas), na orla, mostrando pouco cuidado no corte do disco, ou na coordenação com o gravador na Casa da Moeda, originando essa irregularidade bastante desleixada dos artistas intervenientes, cunho maior ou disco menor.



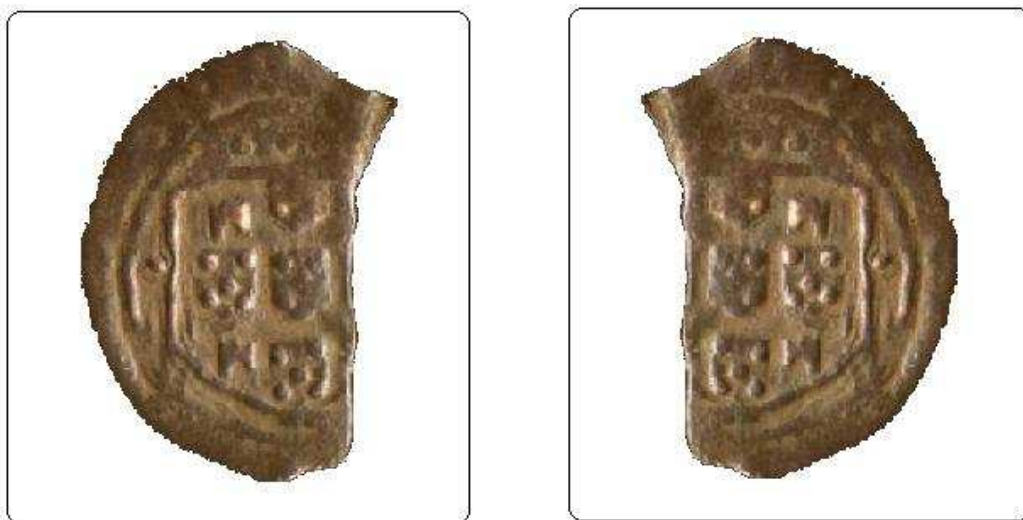
Ceitis do reinado de D. João III – cunhos ou discos desadequados entre si, pouca qualidade artística

Ceitis com muita raridade, ÚNICOS, raros (RRRR), aparecem lindíssimos que se invejam, se salientam dos seus semelhantes e diferenciam por pequenos caracteres, desenhos ou simbolismos, perfeitos bem centrados na cunhagem, onde todos os elementos são identificáveis, perfeição do seu desenho da perfeição do disco ou pelo tipo de letra usada, Gótica (alemã) , Uncial, Medieval, em que o seu desenhador se esmerou pela sua veia de artista merecedor desse nome, ao contrário do que acima apresentamos; e à primeira observação, se descobrem todas essas variantes e se guardam com carinho.



Ceitil gravado com perfeição do reinado de D. Afonso V, pertencente a Eduardo Vargues

Disse-nos um coleccionador , que, casualmente têm vindo a ser encontrados com normalidade e à margem de escavações oficiais subsidiadas pelo IPAR, e conjuntamente com moedas efectivas de ceitis, metades destes e até quartos, a que também Francisco Magro faz referência, na página 41, atribuindo estas situações ao aumento do custo de vida à época em que o ceitel circulava , o que nos leva a comparar e colocar como exemplo as metades de dinheiros a que alguns consideram como sendo as mealhas, levando à letra o que Fernão Lopes, escreveu na sua crónica do rei D. Fernando, como se as mealhas não tivessem existido como moeda efectiva , divisora da unidade que corria na 1ª. Dinastia, e interrogamo-nos , se não teriam existido também meios ceitis para aquisição de produtos que valiam menos que um ceitel, a exemplo do que aconteceu com o início da sua cunhagem, levando o meio real preto de D. Afonso V a desaparecer rapidamente da circulação . Se assim fosse meio ceitel valeria 1/12 do real branco; mais uma situação a descobrir, não acreditamos que assim tenha acontecido , porque numa produção sequencial de anos , foram cunhados milhares de moedas de ceitis que compravam pouco ou nada , estas situações são casos muito pontuais e localizados , nada tem a ver com a normal circulação de moeda efectiva



metade de ceitel – teria valor de $\frac{1}{2}$ ceitel ? pertence a Rui Belfo

Ceilil – O orgulho na história dos Ceutíes – naturais de Ceuta

A terminar, deixo dois textos, um colocado no sítio do Instituto de Estudos Ceutíes, da cidade de Ceuta, e outro que oportunamente vi inserido num fórum, em que dado o interesse de um colecionador e a sua curiosidade, levou-o a consultar directamente os historiadores deste mesmo Instituto da cidade marroquina, tendo recebido a seguinte resposta:

"Buenos días: El Instituto de Estudios Ceutíes me envía su petición de información sobre el ceilil , Juan I de Portugal concedió a Ceuta como armas un castillo de tres torres sobre olas, que es el mismo que aparece en el ceilil. Por tanto es la representación heráldica de la población, como plaza fuerte y marítima de primer orden, pero no representa una fortificación concreta."

Cordialmente

José Luis Gómez Barceló - Cronista Oficial de Ceuta



Mais uma curiosidade para lembrar, que os naturais da cidade de Ceuta (Ceutíes), a cidade que deu origem ao nome da moeda que escolhemos para tema do nosso trabalho, se sentem orgulhosos de terem na sua história a ocupação portuguesa e servem-se da imagem do ceilil que D. Afonso V mandou cunhar na Casa da Moeda de Lisboa para circular nesta cidade do norte de África !! com a letra monetária **C**, que até usam o ceilil como ex-libris para criar uma condecoração, “Um Ceilil de Oro”, para galardoar aqueles que se distinguem pelos méritos ao trabalho, a que intitularam “Encomienda de la Orden del Mérito ao Trabalho”, vendo-se também com grande frequência o seu símbolo e nome em muitos sectores de actividades como emblema das suas instituições, públicas e privadas.

Como exemplo, podemos observar que o ceilil, faz parte do emblema do “Instituto de Estudios Ceutíes”, que aqui mostramos e que eles historicam um pouco na criação e na origem da nossa moeda.



El Instituto de Estudios Ceutíes posee un emblema corporativo que usa en medallas, insignias, «ex-libris», membretes, etc., que representa el ceutil, antigua moneda acuñada en Ceuta.

A fin de reponer la circulación de monedas similares a los reales pretos (suprimidos en 1442), se puso en circulación una pieza con similares características. Entre 1448-9 se emitió una nueva moneda de cobre, que se conocerá con posterioridad como ceutil. Su nombre hace mención a la ciudad, que desde 1415 se constituye en cabeza de puente para las aspiraciones portuguesas de conquistar África y en escala en los viajes de navegación hacia Oriente.

En el anverso de los ceutiles aparece un castillo con tres torres sobre una muralla bañada por el mar. En el reverso podemos apreciar un escudo terminado en ojiva que se apoya en una cruz de Avis. Como emblema heráldico figuran cinco quinas cantonadas por cuatro castillos. Respecto a las leyendas, no hubo un criterio uniforme, haciendo mención al rey (Alfonso V, Manuel I y Juan III) y a los territorios que poseía (Portugal, Algarve y Ceuta).

El ceutil estuvo en circulación desde el reinado de Alfonso V hasta el fin de la dinastía de Avis. Su difusión se ha documentado no sólo en los territorios de la Corona de Portugal sino en reinos colindantes como los de Castilla, las Indias, etc. En Ceuta dicha moneda siguió en uso durante largo tiempo, incluso con la ciudad integrada en la Corona de España.

A mediados del siglo XV y por orden del rey Alfonso V, se estableció en Ceuta, una ceca o Casa de la Moneda. De ella saldrán las emisiones de ceutiles que representan la letra C como marca de la ciudad emisora, junto con una serie de monedas de oro y plata que portaban también el castillo con tres torres bañado por el mar.

Bibliografia

- Alberto Gomes – *Moedas Portuguesas do Território que Hoje é Portugal*
Álvaro Velho ? – *Roteiros da Viagem de Vasco da Gama à Índia*
António Caetano de Sousa – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*
Afonso V – *Ordenações Afonsinas e Chancelaria*
D. João I – *Chancelaria*
D. Duarte - *Livro dos Conselhos do Convento da Cartuxa de Évora*
Fernão Lopes – *Crónica do rei D. Fernando I*
Ferraro Vaz – *Livro de “Moedas de Portugal” I volume , ano de 1969*
Francisco da Costa Lobo – *Em “O Archeólogo Português “*
Francisco Magro “ *Ceitis”*
Gil Vicente – *Autos (Obras do Autor)*
Humberto Baquero Moreno – *Assalto à Judiaria Grande , Natal de 1449 , Revolta contra os Judeus*
João Bautista de Castro – *Mappa de Portugal*
Joaquim José Rodrigues Brito *Memórias V*
José Ferreira Braga - *Em “O Archeólogo Português*
K.^a Rodgers – *Livro Actas – III Congresso Nacional de Numismática , Sintra-Clube Numism. Português 1985*
L’Instituto de Estuds Ceutís – *Ceuta*
Luis Miguel Duarte e Rodrigo da Costa Dominguez – *Faculdade de Letras do Porto – Mercadores*
-Banqueiros , Cambistas no Portugal dos sécs. XIV e XV
Luis Nóbrega – *Sítio “Ceitis” na web*
Manuel Severim de Faria – *Notícias de Portugal “Discursos”tomo IV*
Mário Gomes Marques – *Numária Medieval Portuguesa e Trabalho da Encic. Luso Brasileira*
Livro de Homenagem a Mário Gomes Marques , ano 2000 , editado Câmara de Sintra
Mário Gomes Marques e João Lopes Sampaio , *Moedas de Cobre de D. Duarte*
Rui de Pina – *Livro Vermelho de D. Afonso V*
Rui Belfo – *Apontamento sobre ceitis*
Teixeira de Aragão – *Descrição e História das Moedas Cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de*
Portugal e Discription des monnaies, medailles et autres objets D’Art L’Histoire Portugaise du Travail

Web – *Elementos pesquisados de autores não identificados*

Laulo Baptista , 10 de Novembro de 2010